

Revanche

Carlos da Terra



© 2011 de Carlos da Terra

Foto da capa: Photopront

Terra, Carlos da
Revanche/Carlos da Terra - São Paulo

1- literatura Contos Romances
conto policial, ficção,

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações sem a permissão, por escrito, do autor. Os infratores serão punidos pela Lei nº 9.610/98

Este é um romance fictício e seus
personagens são igualmente construídos
pelo autor.

Qualquer semelhança com fatos
verdadeiramente ocorridos ou pessoas
terá sido mera coincidência.

o autor

Revanche

E era mesmo uma linda festa, como havia dito Jaqueline. Uma empresa internacional estava se estabelecendo em São Paulo e Jaqueline havia passado no teste para trabalhar como relações públicas.

Mariana, que não fora convidada mas era vizinha de Jaqueline, arrumou o seu melhor vestido para acompanhá-la. Não que ela fosse sempre bem vestida assim, em festas; isso não. É que ela foi informada que Daniel estaria lá.

Nas portas monumentais do magnífico salão, homens em ternos de gala, aguardavam a chegada dos convidados e enquanto uns recolhiam os seus carros ao estacionamento, outros os conduziam até uma moça, bonita e elegantemente trajada, que após um sorriso formal os levava a uma mesa previamente reservada.

Lá os convidados deixavam suas bolsas penduradas no encosto das cadeiras e procuravam amigos, ou saiam para dançar sob o som de afinadíssima orquestra que tocava Wagner primeiro e depois boleros ou canções populares suaves, românticas.

Mariana assim fez! Colocou sua bolsa e saiu andando a esmo pelo salão; não procurava amigos, mas sim por determinada pessoa: o Daniel!

Ansiosa ela olhava para todos que entravam pela magnífica porta do clube Holmes, que era frequentado apenas pelas estirpes nobres a qual ela, Mariana Gonçalves, almejava, ardentemente, pertencer. Atenta ela fixava o olhar nas pilastras gigantescas do clube; Daniel poderia entrar por essa porta a qualquer momento.

As escadarias, todas em mármore italiano, do clube Holmes lembravam-lhe o percurso social que ela gostaria de fazer... ela sonhava em subir, por caminhos tão luxuosos como esse.

Daniel era, a seu ver, mais ou menos como aquela escada que a levaria a esse patamar da sociedade. Para muitos, esta atitude

seria considerada desonesta mas, não para ela que, sendo baixinha, com um metro e sessenta de altura, um rosto apenas comum e um corpo igualmente sem atrativos, não vislumbrava essa possibilidade, pelos caminhos éticos.

Observava Mariana, que as mulheres do salão eram bonitas e bem vestidas e tinham perfumes e joias caras, como, julgava, era o direito inalienável de qualquer mulher. Por que não o dela? - se perguntava -

Era ali mesmo, naquela festa, que estaria marcado, para Mariana, o fim de sua solidão, de suas carências sociais e materiais e das constantes brigas com sua mãe, que nessa hora lhe dirigia pesados termos para definir sua solidão. A mãe dizia que ninguém a queria, porque ela, efetivamente, não era uma boa menina. Pior que isso, dizia também que estava sozinha ainda porque suas qualidades morais eram indignas de uma esposa e mãe.

E sua mãe, frequentemente arrematava com um chavão, já decorado e que lhe provocava arrepios:

- E tanto sacrifício eu fiz para criar sozinha essa menina, depois que o malandro do seu pai me abandonou por outra mulher! Não podia dar outra coisa, mesmo! – sentenciava -

E essa menina já estava com vinte anos de idade e até agora nenhum namorado a aceitou seriamente. Todos queriam apenas flertar. Saía com homens que prometiam telefonar, mas no dia seguinte, quando ela esperava ardentemente, o desejado telefonema não vinha.

E o Daniel, que ela já havia visto nas proximidades de seu trabalho, sempre com carros e roupas bonitas, era bem o tipo de homem que ela buscava.

Repentinamente deparou-se com uma roda de convidados e viu Daniel; sim, ali estava o seu objetivo, bem à sua frente!

Procurou um ângulo onde ela pudesse ser vista facilmente e abriu-se toda, em sorrisos para Daniel, que falava muito alto destacando-se no grupo de amigos, segurando uma taça na mão. Conversavam alegremente sobre política e viagens.

- Ah! Quantas viagens ele deveria fazer... –divagou -

Houve um lapso de tempo relativamente grande para que Daniel notasse sua presença ao lado do grupo; a conversa com os amigos parecia mais interessante.

Finalmente Daniel notou aquela moça que o olhava e procurou dissuadir mas, poderia ser – pensou Daniel - aquela mulher que sorria, alguma amiga ou namorada de algum parente ou amigo ali presente; Ignorá-la poderia não ser polido;

Daniel, sorridente, cumprimentou-a sem qualquer outro interesse senão o do verniz que era esbanjado no salão.

Mas, se a etiqueta seria apenas formalidade para ele, foi suficiente para que Mariana vibrasse e chegasse bem perto de seu alvo disparando frases de efeito, falando como uma matraca, impedindo – o de voltar à conversa com os amigos.

Após uma breve conversa Daniel se apresentou...

- Eu me chamo Daniel! Posso saber o nome da elegante dama? – e curvou-se reverenciando-a!

- Mariana - ela respondeu, sorrindo e faceira – levando a sério o galanteio tão formal nessas situações e envaideceu-se ressaltando o “elegante dama”!

Ao pronunciar seu nome. Daniel lembrou-se e virou rapidamente a cabeça em direção à uma outra Mariana, muito graciosa, de corpo esbelto e que conversava alegremente em meio à outra roda de amigos a uma distância de dois ou três metros, vestida elegantemente, combinando magistralmente os tons de preto e vermelho.

Essa jovem chamava-se Mariana Pera, por quem Daniel nutria grande afeto e esperava uma oportunidade para tê-la mais do que como amiga; queria-a como namorada. Eles já haviam conversado em outras ocasiões, mas nunca ele a viu tão disposta, bela e receptiva como naquele momento. Percebeu com clareza sua boa vontade para conversar, quando retribuía sempre sua cortesia, com gestos e palavras meigas.

Seus olhares se cruzaram e as pupilas dilatadas disseram mais do que as palavras poderiam exprimir. Havia mesmo, grande empatia no casal, e ali se prenunciava um grande romance.

Mariana, a que estava conversando, observou a troca de olhares e sorrisos e ficou visivelmente perturbada.

A afeição de Daniel não se dava apenas pela beleza exterior de Mariana; ele sabia da extraordinária força de vontade para lutar, que ela dispunha. E pensava...

-Tão bela essa mulher, cuida-se bem e ainda arranja tempo para estudar o curso de Direito... tão puxado!

Daniel estava prestes a se formar advogado.

Escolheu essa carreira por ser a mesma de seu pai; um digno advogado, que desde a sua meninice despertava-lhe admiração. Vibrava ao ver seu pai em ação nos tribunais da federação defendendo pessoas, sempre que ele as julgasse boas e honestas mas, vítimas dos possíveis enganos pelo poder judiciário.

Ele sabia, porque era estudante, que o advogado pode, eticamente, defender qualquer pessoa que o escolha, mas orgulhava-se que seu pai trabalhava apenas para os verdadeiramente bons.

Não havendo nada perfeito, Daniel pensava que os enganos fatalmente ocorrem e qualquer pessoa pode ser vítima deles; e era para isso mesmo, - concluía - , que o seu curso de Direito o preparava sendo também a razão pura e simples da existência dos inúmeros tribunais espalhados por toda a cidade.

Para ele, quem gostava de ver tudo certo, deveria estudar Direito.

Os enganos acontecem mesmo, vê-se; mas outras vezes não são propriamente enganos; são, isso sim, verdadeiras armadilhas terríveis e aniquiladoras que são montadas, por diversos motivos, para destruir socialmente uma pessoa. E nesse caso, o advogado tem proeminência para fazer a justiça prevalecer.

- Puxa! E Mariana Pera também gostava de advocacia... que bom! Poderíamos vazar a noite dialogando... – pensava -

Divagava quando se deu conta de que quem estava ali, falando com ele, bem pertinho, não era a Mariana Pera e sim a Mariana Gonçalves, de quem ele muito pouco sabia.

Sorrindo, Daniel comentou a coincidência, apontando e dizendo que aquela linda mulher também se chamava Mariana; seguiu-se uma carranca expressão de desagrado e, enfática, Mariana Gonçalves determinou:

- Chame-me apenas Mári... gosto mais!

E por toda a suntuosa festa, Mári pedia licença, saía um pouco daquela roda de amigos e logo depois retornava sorrindo e com uma taça na mão, oferecendo, por diversas vezes a Daniel, que continuava se mostrando polido e formal.

Mári não! Apelou para toda a informalidade possível e intensificou o assédio, sendo notada por outras mulheres que a olhavam com um ar de desprezo.

E como diz um ditado popular “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, em certo momento Daniel começou a se interessar por Mári, ainda que de maneira superficial, procurando apenas distrair-se naquela hora.

Queiram ou não aqueles que se postam como os baluartes do moralismo, a verdade é que para a consecução do ato sexual puramente, e aos olhos de pessoas do sexo masculino – principalmente quando instigados por uma mulher ou mesmo fotografias – não existe mulher sem nenhum atrativo.

Dito de outra maneira é incompreensível, para as mulheres, que os homens as queiram por razões tão superficiais, banais. Pensam sempre que há, em qualquer aproximação, alguma intenção do homem, de casamento ou pelo menos, de um namoro mais duradouro.

Assim, Mári julgou ter conseguido inteiramente o seu intento e saiu da festa no carro de Daniel, passeando e conversando pela cidade, terminando a noite em um motel luxuoso.

A intensa volúpia motivou mais ainda Mári, que dias depois, quando o prometido telefonema não vinha, como em tantas vezes similares, ligava para Daniel e insistia convidando-o a sair; Também como quase todos os homens na mesma situação, ele relutava; mas também, do mesmo modo, acabava cedendo.

E assim, depois de vários passeios e idas ao motel, Mári, que nunca tomou qualquer precaução para evitar filhos e, pelo contrário, até favorecia, acabou, deliberadamente engravidando.

Continuou passeando com Daniel, mas sem lhe revelar seu estado gravídico. Receava uma muito provável rejeição e mais que isso, receava que Daniel lhe sugerisse um aborto. Quando já não era mais possível esconder a barriga, sem qualquer justificativa ausentou-se, para que a criança nascesse sem qualquer impedimento.

Por isso, durante toda a gravidez, como não foi chamado, Daniel não foi visitá-la ou sequer conversar e supôs ter havido, por parte de Mári, o esquecimento ou o natural enfraquecimento da paixão.

O embaraço resultou no nascimento de Eliana.

Mas depois da concepção, ela mesma – Mári - voltou à carga e telefonou, dando-lhe a notícia de modo frio e repentino, deixando-o constrangido, impactado, confuso.

- Daniel... tenho uma surpresa pra você!! Querido, tive um bebê e você é que é o pai!

Diante do silêncio do outro lado da linha, ela prosseguiu:

- Sua filha é uma linda menina e nós, aqui, demos-lhe o nome de Eliana. Espero que goste...

“Demos-lhe o nome de Eliana” – repercutia em sua cabeça!

Assim foi a apresentação de Eliana.

Escolher o nome de um filho é uma atividade empolgante. Não há pai que não se interesse por isso e, como não poderia se esperar outra coisa, Daniel se sentiu marginalizado, excluído.

Ser pai é o sonho de muitos homens que se preparam para isso, construindo imagens e propósitos. Quando esses ideais são frustrados, tudo fica sem sentido e parece irreal.

Imediatamente veio a reação de Daniel, negando-se a ser o pai da criança; argumentou que seu sonho de ser pai, passava pela escolha da mãe e da hora adequada para o nascimento. Não podia ser assim, “acidental”, sem qualquer preparação e dedicação à tão sublime ato.

Nesse momento lhe veio a imagem de Mariana Pera. Aquela que ele escolheria para ser mãe de seus filhos.

Mas Mári nem se incomodou com os sentimentos expressados e vibrou com tudo. Mais do que tudo, para ela, essa era uma vitória; agora teria o Daniel em suas mãos, como seu marido e, tudo estaria resolvido! Fim das brigas com sua mãe e fim das dificuldades econômicas que tanto a preocupavam, fim da solidão; Finalmente ela conseguiu... ia desencilhar, como se diz por aí!

Mas, o surpreso pai sequer suportou a sugestão de casar-se com ela, sendo tomado de um profundo sentimento de desprezo ao compreender a trama, quase que imediatamente.

Mesmo diante dessa situação, - especialmente constrangedora - foi visitar a menina sendo logo cativado por seu sorriso e gestos graciosos. Tendo a menina os seus traços fisionômicos, Daniel se viu tomado de surpreendente júbilo e ao mesmo tempo, de atribulação de seu espírito.

É que a semelhança não foi suficiente para fazê-lo crer na sinceridade de Mári, e pediu que fossem feitos exames médicos para atestar a paternidade.

O DNA confirmou a afirmação de Mári. Era mesmo verdade.

Os sentimentos de Daniel se misturaram à mais um. Já surpreso, também irritado e também feliz, agora juntava-se o medo.

Reagiu deflagrando uma fuga e sofrendo intensamente pelos sentimentos contraditórios que lhe explodiam no peito.

Como homem, também pela formação profissional – advogado que era – sabia ser sua obrigação assumir a paternidade, mas enquanto a lei tem força para submeter e controlar as atitudes humanas, efetivamente não consegue fazer o mesmo com os sentimentos. E assim, Daniel ficou passivo diante do fato com o sentimento embotado e o desprezo pelas atitudes de Mári.

Mári, por sua vez, levou o caso à justiça, requerendo uma pensão alimentícia; não por precisar tanto dela para seu sustendo ou para

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

